

A CASA CASA DOGRITO Guilherme Macedo

Editora Penalux

Guaratinguetá, 2022



(

(

Sônia

O fotógrafo procura esconder a impaciência.

— Um pouco mais pra direita, senhores. Mais pra direita, por favor. Para que o quadro fique no centro. A senhora também, por gentileza.

A senhora sou eu, no caso. Eu tento esconder as olheiras, o sono e minha vontade crescente de sair correndo daquele lugar o quanto antes. Detesto cerimônias formais, com homens engravatados, mulheres de longo e salto alto em plena tarde de verão, e milhares de palavras vazias derramadas pelas autoridades presentes, orgulhosas de estarem no evento de inauguração das obras de reparo e reforma do acervo do Museu Paulista, localizado no parque do Ipiranga, em São Paulo. As autoridades não podem prescindir da presença do meu marido, um dos homens do empresariado brasileiro que estão bancando a reforma, nem podem esquecer que esse grande empresário se casou com uma descendente direta do também grande Pedro Américo, autor de "Independência ou Morte", o quadro que está bem às nossas costas.





Meu marido tenta segurar a minha mão, mas ela escorrega de seus dedos para acariciar mecanicamente a bolsa Fendi que eu ostento com certa vergonha. Não que a bolsa seja feia, ou que seja falsa. O acessório apenas reforça minha inadequação e me distrai com a vibração constante do aparelho celular dentro dele.

O fotógrafo pede mais sorrisos e eu só consigo esticar meus lábios. É assim que eu me sinto ultimamente: esticando lábios, prazos, datas, tudo para não tomar uma decisão que já está tomada, mas que precisa de ação: a minha separação em forma de fuga. Porque eu sei que não vai ser simples deixar aquela casa sem arrancar uma parte de mim junto. Porque ele não vai me deixar ir embora com a minha filha.

Minhas mãos começam a suar de nervoso e eu procuro um lenço dentro da bolsa. Não acho o lenço. Não acho nada lá dentro, na verdade. Tenho medo de retirar a minha mão e a bolsa ter comido todos os meus dedos. É mais difícil fugir de casa sem os dedos das mãos.

— Posso falar com a senhora?

12

Tomo um susto e olho para frente. É uma repórter que tinha se aproximado sem eu perceber.

— A senhora poderia falar algumas palavras sobre o quadro?

Olho para ela com a expressão "que quadro?" e depois caio em mim. "Claro", respondo robótica.

— Como a senhora se sente sendo uma das herdeiras do grande pintor Pedro Américo? — pergunta a repórter.

Tenho que pensar um pouco, porque a pergunta não é bem sobre o quadro, mas sobre minha genealogia. Talvez ela queira



saber como eu me sinto sendo filha de um neto bastardo do grande Pedro Américo, que foi reconhecido somente depois de muitas idas ao tribunal e notas maldosas nos jornais do Rio de Janeiro. Quero responder que me sinto igualmente bastarda, deslocada dentro de um sentido natural de descendência, mas acho que ela quer uma resposta sem muito psicologismo. Então respondo:

- Uma honra e um fardo. Honra por carregar seu sangue e fardo por ter a obrigação de manter vivo seu legado. (Essa resposta eu herdei do meu pai).
 - E o que a senhora acha do quadro?
 - Em que sentido? pergunto.
 - Gosta ou não gosta?
- Confesso que ninguém nunca tinha me perguntado isso antes.

A repórter sorri com simpatia, sem esconder a pressa para fazer outras tantas perguntas irrelevantes para outros tantos presentes igualmente irrelevantes. Pela primeira vez na vida me viro para observar com atenção o quadro que havia sido pintado pelo meu bisavô há mais de cento e trinta anos. Dom Pedro I no alto de um morro, em cima de um cavalo marrom, segura em riste uma espada, sendo acompanhado logo atrás por um grupo de aristocratas em cima de seus cavalos igualmente puro-sangue. Na cena, ele estaria gritando um "independência ou morte!" e todos, em uníssono, também repetiriam seu brado.

Um pouco abaixo, circundando o futuro imperador, um grupo de militares vestidos como os atuais Dragões da





Independência — meu pai me contava que o uniforme dos dragões tinha sido feito a partir do exposto no quadro e que eles não se chamavam dragões da independência antes de Pedro Américo tê-los pintado assim. No lado esquerdo, um caipira puxa um carro de boi com alguns troncos de madeira e observa, entre curioso e plácido, a cena se organizar próxima ao riacho para onde ele conduz seus bois.

O riacho em questão é o Ipiranga, fortemente pisado pela pata de um dos cavalos dos futuros dragões. E ao fundo, do lado direito, gaivotas (ou gaviões ou urubus) sobrevoam um casebre terracota, que abriga algumas bananeiras em sua propriedade. Meu olhar percorre o movimento dos personagens, como se buscasse captar também suas intenções, como se eles de fato tivessem existido em conjunto, como se eu já não soubesse que Dom Pedro havia percorrido a estrada desde Santos montado em uma mula, já que um cavalo não aguentaria a viagem. Reparo novamente no casebre e falo sem pensar:

— Aquela casinha, ao fundo. Aquela casinha é muito bonita — aponto, esperando que a repórter ignore toda a cena histórica e atente somente para as qualidades da casa reproduzida pelo meu bisavô. — Fico imaginando o que teria pensado a pessoa que morava lá ao ver uma cena como aquela na frente de casa. Na certa, não entendeu nada.

A repórter, que também parece não ter entendido nada, sorri com simpatia e se afasta, procurando um alvo menos devaneador para despejar suas perguntas pré-fabricadas.

— A casa não existia na época da independência. — diz um homem calvo, talvez o guia do museu, aparentando uns



oitenta anos, de terno muito preto ou, como diria minha filha, "escuro-funerária". Ele continua: — Pedro Américo encontrou essa casa ao percorrer o caminho de Dom Pedro e resolveu inseri-la na pintura. Na verdade, ela foi construída muitas décadas depois da proclamação da independência.

— Então tudo nesse quadro é falso. — digo sinceramente desapontada. O homem ensaia uma réplica, mas sou subitamente puxada pelo meu marido, que me quer ao seu lado posando como esposa feliz.

Ele sussurra algo em meu ouvido, finjo que ouço, faço "sim" com a cabeça e ele se afasta. Volto para o quadro e penso no que eu disse para o pobre do guia. Claro que tudo é falso, já que é uma pintura, Sônia. Meu pai, que era encantado com o fato de ser neto do meu bisavô, muito mais do que eu, também gostava de pintar, principalmente natureza morta. E muitas vezes pintava elementos que não estavam na fruteira que colocava à sua frente. Às vezes, ele inventava espécies novas de frutas e legumes, só para deixar o quadro mais harmônico. Diante do meu estranhamento, ele reproduzia as palavras de Pedro Américo: "o artista não tem que ser escravo da realidade".

Mais tarde, já no hotel, sou avisada de que vamos passar alguns dias a mais em São Paulo. Reuniões de última hora, ele diz. Desfaço minha mala sem reagir, acostumada com essas mudanças de planos burocráticas. Tiro minhas lentes de contato, tomo um calmante potente e desabo na cama cinco minutos depois. Meu sono é atormentado pelas imagens do quadro do meu bisavô. No sonho, sou a mulher que não está na pintura, a mulher que se esconde naquela casa. Ouço Dom



Pedro I recitando seu discurso de independência de Portugal e me encolho abaixo da janela que dá para a cena. Minha mãe surge na penumbra e se junta a mim, me mandando permanecer imóvel. Quero saber por quê e ela responde dizendo que não há mulheres no quadro, por isso não podemos aparecer.

Acordo num susto e percebo que já amanheceu. Meu marido não está no quarto e acho bom. Há muito tempo que acho bom quando ele se levanta antes de mim sem me dar bom dia. A imagem do sonho não me sai da cabeça e resolvo voltar ao Museu Paulista para olhar a pintura novamente. O guarda que recebeu os convidados no dia anterior não me reconhece de camiseta e tênis. Ele me avisa, um pouco ríspido, que o museu está fechado para obras e só abre em 2022. Insisto, dizendo que sou a bisneta de Pedro Américo, mas a carteirada não tem efeito. Caminho pelo parque desapontada e sem rumo, até subir um pequeno morro e me deparar com uma casa de estilo colonial no meio da paisagem. Simples, pintada de branco com janelas azuis, ela é muito parecida com a da tela pintada pelo meu avô. Ao me aproximar, encontro uma placa fundamental no solo, com os dizeres "Museu da 'Casa do Grito'", inaugurado a 21 de novembro de 1958. "Casa do Grito", digo em voz alta.





Júlia

"Que maravilha!", resmungo irônica depois que o maquinista do metrô avisa pelo autofalante que o trem vai ficar parado por alguns instantes. Depois de um breve silêncio, completa: devido a um acidente à frente. Depois de outro breve silêncio, se corrige: incidente à frente. Ato falho não tem mais volta, querido, pois já estou pensando que foi acidente e minha imaginação chegou à estação muito antes que o trem. Não querem que saibam que foi acidente, para que os passageiros não entrem em pânico, atrapalhem sua rotina de trabalho e intoxiquem suas conversas nos elevadores com um assunto tão indigesto. Porque todos sabem que acidentes em metrôs envolvem humanos e muitas vezes são fatais.

Chacoalho a cabeça para tentar mudar o pensamento, como se fosse uma televisão velha com bombril na antena. "Bombril, bombril, a Júlia tem cabelo de bombril!", gritavam as crianças no colégio. Eu entrava correndo no banheiro, chorando, limpava as lágrimas e voltava à sala linda e bela, como se nada daquilo tivesse me afetado. Minha mãe dizia que parecer

 \bigcirc



miolo-acasadogrito.indd 17



E-mail: guicamacedo@gmail.com







LIVROS ILUMINAM





Este livro foi composto em Sabon Next LT Pro pela Editora Penalux e impresso em papel off-white 80 g/m², em abril de 2022.